

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

**Protagonismo indígena em sala de aula: Abordando a obra *Eu sou Macuxi e outras histórias****Indigenous protagonism in the classroom: approaching the work 'Eu sou Macuxi' and other stories*Rayana Rezende Gomes Demetrio de Vasconcelos BARROS<sup>1</sup>Nelma Menezes Soares de AZEVEDO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho, de caráter qualitativo, tem como objetivo debater a relevância do indígena na literatura, através do letramento literário defendido por Cosson (2006). Para tanto, metodologicamente, foi feita uma leitura da obra: *Macuxi e outras histórias*, em especial, a primeira narrativa, debatendo a relação da protagonista com seu povo e os impactos dessa abordagem na construção da personalidade da mesma. Após essa leitura, foi feita uma sequência didática, levando em consideração como abordar essa obra em sala de aula. Assim, acredita-se ser possível modificar o ideal indígena apresentado na cultura branca Ocidental através do letramento literário adequado.

**Palavras-chave:** Indígena. Macuxi. Aula.

**ABSTRACT:** The present work, of a qualitative nature, aims to debate the relevance of indigenous presence in literature, through the concept of literary literacy as defended by Cosson (2006). To this end, methodologically, a reading of the work "Macuxi and Other Stories" was carried out, with a focus on the first narrative, discussing the protagonist's relationship with her people and the impacts of this approach on the construction of her personality. Following this reading, a didactic sequence was developed, considering how to address this work in the classroom. Thus, it is believed that it is possible to modify the indigenous ideal presented in Western white culture through adequate literary literacy.

**Keywords:** Indigenous. Macuxi. Class.

## 1 Introdução

Afinal, o que é literatura indígena? Conforme Pachamama (2001), a literatura Indígena é, assim como toda literatura, iniciada através de uma inquietação. No entanto, diferente da inquietação Ocidental, a literatura indígena dialoga com a verdade ancestral, levando em consideração uma floresta física e mental e a luta contra os registros colonizantes que marcam o imaginário a respeito dos indígenas. A literatura construída em *Macuxi e outras histórias* assim como demais ficções realizadas por povos originários, tem a intenção de colocar a figura indígena não mais como objeto de estudo e análise, mas sim, como protagonista de sua própria história. Afinal, como ressalta a autora potiguara Graça Graúna:

<sup>1</sup> Mestranda pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: raytyler161@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco - UFRPE/FUNDAJ (2016) e Especialista em Literatura Infante Juvenil pela Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE (2001). Email: nelmaa@prof.fafire.br

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

a escrita indígena é um lugar de vozes silenciadas e exiladas (escrita) ao longo dos mais de 500 anos de colonização: Os direitos dos Povos Indígenas de expressar seu amor à terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas, de manifestar suas crenças nunca foram considerados de fato. Mas, apesar da intromissão de valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência. (Graúna, 2013, p.15).

No entanto, a identidade de tais povos se manteve, em especial, através de uma cultura oralizada, o que foi capaz de perpetuar memória e tradição. Entretanto, em um universo Ocidental onde os direitos e a percepção de vínculo e estrutura se dá através do escrito, é preciso revisitar as origens culturais dos povos e traduzi-las para o mundo moderno, para assim registrar e retificar o lugar desses povos.

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. Poucas pessoas despertam no meio da multidão para cantar e declamar a poucos ouvidos o universo multicultural dos povos da floresta. O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira. (Hakiy, 2019, p. 37).

Assim, dialogando com Munduruku (2019), a escrita é uma conquista recente para a maior parte dos povos originários, que exercem a memória através da oralidade, visto que na percepção cultural essa é a representação de união entre presente e passado. Dessa forma, a escrita tem possibilitado a atualização de repertórios existentes e possibilitando novos sentidos para antigos rituais construindo, nas palavras de Munduruku (2019, p.81) “elementos novos numa circular movimento repetido à exaustão ao longo da história”.

Diante disso, corroborando com Souza (2019), em uma sociedade onde a literatura é primordialmente uma prática oral, o criar e contar histórias não pode ser compreendido enquanto uma prática individual. A arte memorialística da escrita é, antes de tudo, uma arte performática, um ato social e dinâmico. Essa realidade é apresentada em documentários diversos que demonstra o cotidiano indígena, em especial, o momento da contação de uma história. Essa prática, por exemplo, também foi comum na Grécia Antiga Socrática, por essa razão, todas as tragédias e comédias representavam um momento catártico para cidadãos, que assistiam às peças e interagiam com elas. Ao perder o caráter memorialístico e iniciar a escrita

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

páprica, o próprio Sócrates acreditava que as histórias seriam perdidas, pois o ser humano perderia a capacidade de pensar e lembrar dos ocorridos.

O presente trabalho, então, intenciona debater a relevância do indígena na literatura, através do letramento literário defendido por Cosson (2006). Para isso, foram consideradas as particularidades desses povos e a dinâmica em sala de aula, capaz de construir um texto rico, dinamizando as percepções sobre o que é ser indígena e sobre o que é literatura e arte.

## 2 Referencial teórico

### 2.1 Afinal, Macuxi

*Eu sou Macuxi e outras histórias* é um texto ficcional apresentado por Julie Dorrico, mulher descendente do povo Macuxi. Autora, pesquisadora e curadora de literatura indígena, nascida em Rondônia, é conhecida pelo seu povo como Guajará-Mirim.

Dividida em dez histórias curtas, o livro apresenta pequenas vivências cotidianas da autora em seu povo, e ainda histórias ancestrais repassadas através de processos memorialísticos comuns aos povos originários. O livro, em uma tentativa de retratar de forma visual o processo de performance, dialoga com o texto verbal e o não verbal, através de desenhos que atravessam a história, apresentados de forma bastante única.

O primeiro conto do livro é intitulado “Eu sou Macuxi, filha de Makunaima”. Nele existe a apresentação da personagem Macuxi, que se embaraça com a própria história do povo Macuxi. Nesse conto, a relação de Deus enquanto feminino e a relação linguística entre povos é apresentada. A autora diz que apresentará o texto em duas línguas: inglês e o macuxês.

A escolha desse texto para a construção da sequência didática de Cosson (2006) ocorre por seu próprio caráter introdutório, ele apresenta não só a construção do povo indígena, mas parte do cotidiano e do sentimentalismo humano recorrente em qualquer povo. Assim, a percepção e relação dos jovens com o texto é mais prática.

A partir de Souza (2019) compreende-se a obra literária *Macuxi e outros* enquanto uma transcrição que implica

passar para a escrita o máximo possível das características orais (por exemplo, as mencionadas no parágrafo acima) de um processo oral de contar, enquanto escrever significa apenas registrar no papel informações consideradas relevantes. Ao dizer que está apenas escrevendo uma narrativa indígena tal qual ela existe e é contada na cultura indígena, muitos autores na verdade estavam apenas escrevendo (e não transcrevendo) essas narrativas, deixando para fora da página escrita as

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

complexidades, sofisticações e dinâmica da narrativa oral. Dessa forma, ao dizer que está apenas escrevendo uma narrativa indígena, o escritor na verdade acaba transformando algo oral com características próprias em algo escrito com características muito diferentes, muitas vezes reduzindo a narrativa oral a apenas um enredo. Assim o escritor desse ‘enredo’ acaba na verdade se tornando o autor da narrativa, agora escrita, que nunca chegou a ser contada (apresentada) oralmente. Assim, a performatividade da tradição oral que permeia a narrativa oral original, se perde totalmente, fazendo com que aquilo que nasceu como processo oral ou performance se torne um mero produto escrito. (Souza, 2019, p.171).

Assim sendo, a questão de autoria também é uma questão coletiva na literatura indígena, pois devido ao processo de construção em grupo, o autor é considerado, conforme afirma Souza, um contador e transmissor em um elo de cadeias infinitas. Desse modo, “a cada ato de contar, não é apenas a narrativa em si que é repetida, mas também toda a tradição oral da comunidade é revivida” (Souza, 2019, p. 171). Isso ocorre, através do conceito de presente anterior e presente atual construído por povos originários (Da Matta *apud* Souza, 2019), pois o presente anterior remete a um passado durante o qual o mundo conhecido como é hoje ainda não existia, mas coexiste com o presente estado das coisas no mundo de hoje em dia.

Dessa forma, é possível perceber que ao ler *Macuxi e outros contos* em sala de aula é preciso que o discente aprenda não apenas a história ficcional, mas todos os demais conceitos que tornam a história possível, como por um exemplo: quem são aqueles povos, sua construção de identidade e a construção textual envolta no processo narrativo.

## 2.2 Sala de aula: espaço de construção e diálogo

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998, p. 19) de Língua Portuguesa é atribuída à escola a “responsabilidade de contribuir para a garantia a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania”. Assim sendo, existe uma responsabilidade escolar em letrar os alunos em relação aos mais diversos textos literários apontando suas especificidades, e inserindo-os em contextos que auxiliem o leitor em sua formação cidadã. Desse modo, a literatura “ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis”. (Brasil, 1998, p. 26).

Ademais, conforme a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) é dever da sala de aula provocar a conscientização das múltiplas perspectivas e realidades sociais e culturais, auxiliando o entrosamento do jovem com outras realidades, e contribuindo para que sejam

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

seres humanos mais justos e empáticos com a realidade do outro. Dentro dessa perspectiva, uma das habilidades para o ensino fundamental da BNCC (EF02HI02) (Brasil, 2018, p.33) destaca a necessidade de “identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades”, o que pode promover uma compreensão ampla e interativa do conceito de Eu e do Outro.

Diante disso, a literatura do “Eu sou Macuxi” então, servirá como letramento literário, pois cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (Cosson, 2006, p. 17). Afinal, o letramento literário pode ser entendido enquanto “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Cosson, 2006, p. 67). Na definição do autor, o letrar é mais do que uma habilidade de leitura, pois é vista como uma ação recorrente e permanente do leitor em relação ao universo literário, onde as experiências frente ao mundo são dadas através das palavras.

### 3 Reflexão e análise da sequência didática “*Eu sou Macuxi*”

Para construir a sequência didática sobre “*Eu sou Macuxi*”, este estudo se baseou na visão de Cosson (2009) sobre sequência básica, ou seja, uma sequência didática com múltiplos passos que permitem uma maior aproximação entre o assunto a ser debatido e o próprio contexto dos alunos. A ideia de sequência básica resguarda uma visão de leitura em três significativas partes, afinal, a aprendizagem da literatura, que pretende experienciar o mundo envolve conhecimentos de história, teoria e crítica (Cosson, 2006.).

Considerou-se ainda que toda e qualquer sequência precisa ser preestabelecida a fim de ocorrer um aprendizado sobre a literatura a partir dessas três visões. O aluno precisa se conectar com a forma, ou seja, com a palavra, sobre os aparatos históricos e críticos que percorrem aquela literatura e, a partir da compreensão do texto de per si, compreender a obra e melhor moldá-la a sua vida. Para efetuaressas leituras de maneira eficaz o preceptor precisa seguir de quatro etapas: a motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação para Cosson, diz respeito a uma introdução à leitura feita pelo docente antes mesmo do contato com o livro. A ideia é fazer borbulhar no aluno um desejo de ler o livro, o aluno na motivação cria um vínculo inicial com o texto, se interessando pela história ao fazer uma leitura sem nenhum pré-conceito ou com aversão ao livro.

A segunda etapa, a *introdução*, apresenta aos jovens o autor do texto a ser trabalhado e o

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

que o texto fala, ou seja, faz uma espécie de resumo. É preciso que o aluno compreenda informações básicas do texto para, juntamente com as expectativas criadas por eles anteriormente, façam uma leitura mais interessada do livro. A introdução, para funcionar, precisa de um bom professor, capaz de guiar seus alunos a melhor compreender a história trabalhada. Ele precisa mostrar a importância daquele livro no período histórico em que foi escrito, e suas repercussões na atualidade, além de apresentar os motivos que o levam, de maneira pessoal, a escolher trabalhar aquele livro.

Nesse trabalho literário pretende-se explorar quem foi Macuxi e sua tribo, mostrando a relação construída com seu povo e sua língua. É preciso indagar por quê existe essa questão linguística abordada no texto? Qual o problema enfrentado pela protagonista e por seu povo?

Passados os elementos que fariam provocariam no aluno a vontade de conhecer uma obra, chegamos, finalmente, na *leitura*. A leitura, como se sabe, é uma atividade individual, onde o leitor entra em contato com o texto e solidifica suas interpretações e visões do livro. Por mais que essa atividade seja individual, Cosson (2006) aponta para a necessidade de ela ser acompanhada, ou seja, é preciso que o professor compreenda o que está sendo lido pelos alunos e como esta leitura está sendo feita, se os jovens estão gostando, compreendendo e o que eles estão compreendendo do livro. Afinal, conforme aponta Cosson (2006), o professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive as dúvidas sobre o ritmo de leitura.

A ideia de Cosson é que essa leitura funcione mais como um auxílio ao aluno para que ele reconheça na figura do professor e de seus colegas uma espécie de rede de apoio, onde ele pode dialogar, tirar dúvidas, trazendo suas críticas, assim como avaliações literárias. Considera-se ser importante que a leitura seja dividida em dois dias, ocorrendo em sala de aula. O professor mediador escolhe alguns alunos para ler o livro, interpretando as vozes dos personagens, e, no final de cada capítulo, ele abre o espaço para que os alunos falem, explicitando o que compreenderam, e inferindo a respeito do texto.

A última parte da sequência básica diz respeito à interpretação e, é possível acompanhar seu desenvolvimento durante a leitura, uma vez que, o texto é lido juntamente com os alunos. Como dito desde a primeira parte da sequência, a introdução, ao criar uma aula temática onde existe uma leitura guiada, as interpretações vão ser, em parte, voltadas para a temática pautada pelo professor. É preciso, de qualquer forma, compreender até onde a leitura do aluno é válida e onde ocorre uma superinterpretação.

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

A interpretação, como nos conta Cosson, ocorre por uma teia entre o autor, leitor e comunidade, dessa forma, o sentido não se encontra em nenhum desses elementos separado, mas sim, na união das três é preciso que o aluno leia a partir de sua realidade sem extrapolar o texto. Para Cosson o professor precisa compreender a interpretação a partir de dois tipos: a interior e a exterior. Na interpretação interior, o leitor tem uma compreensão global na obra, é a leitura decifratória, por assim dizer, ou, nas palavras do autor, um *encontro do leitor com a obra*. Ela é a leitura propriamente e, corroborando com o próprio autor, não pode ser acessada por nenhuma metodologia pedagógica. Nesse sentido, a leitura interior é apenas a nudez frente ao livro, é onde o leitor se encontra não apenas com a obra, mas também consigo mesmo e, por essa razão, a leitura interior não pode deixar de ser vista como uma leitura social.

Destarte, o momento externo para Cosson é a concretização da leitura social como construção de sentido para determinada sociedade. Na leitura exterior o aluno é colocado de frente a essa realidade que a literatura expôs, mas não apenas para ele, mas também para todos que compartilharam a leitura e expuseram seus sentimentos. A interpretação não pode ser feita de forma arbitrária, como nos diz o autor, ela precisa ser guiada pelo professor para que exista uma reflexão maior sobre o texto e também sobre as diferentes realidades das pessoas. A literatura, dentro dessa metodologia, passa a ter uma função prática, a de moralizar e conscientizar seus leitores, além de formalizar o *paidelma* dos alunos.

#### 4 Considerações finais

Desta forma, podemos concluir que, os estudos literários sempre se pautaram em debater diversas teorias sobre a *alta literatura*, mas, enquanto pesquisadores licenciandos é imprescindível voltar o olhar para a mobilização desse conteúdo nas salas de aula. É preciso trabalhar com a literatura para que ela seja compreendida desde cedo pelos jovens como uma prática imprescindível no seu cotidiano. Para Candido (2012) a literatura é um direito inalienável, mas este acaba sendo negado a muitos seres humanos devido à banalização de sua importância enquanto direito no meio social. É preciso que o professor antes de tudo faça surgir a compreensão não apenas da relevância do ler no jovem, mas também que incentive neste a necessidade de ser tomado pela literatura.

A leitura precisa ser encarada como uma escolha, o sujeito pode a partir da compreensão prévia de sua importância e possuindo meios eficazes de decodificá-la e criticá-

DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

la decidir não ser tomados por ela, mas, em hipótese alguma pode ser negada a possibilidade de compreendê-la e de se debruçar sobre esta, afinal de contas ela é um direito. A literatura, retomando as palavras de Candido, é um dos meios para o equilíbrio social e, talvez, seja esta a razão pela qual ela é tão negada a alguns públicos específicos. O professor e a sala de aula são os primeiros e, muitas vezes, os únicos meios de contato que alguns jovens possuem com a literatura, assim como com uma arte mais clássica e formal. É dever do professor trazer obras cativantes, trabalhadas a partir de uma temática relevante capaz de ser absorvida pelos alunos inicialmente pelo que há de semelhança, mas depois pela sua unicidade de forma, conteúdo e beleza como um todo. O docente precisa ser um profissional capacitado, com um bom conhecimento sobre o que será trabalhado e também como será trabalhado, concedendo assim ao discente seu direito inalienável, o direito à literatura.

Partindo do conceito de que a sequência didática é de extrema relevância para a formulação de uma metodologia, ou seja, provém da consideração do aluno enquanto sujeito, assim como a realidade em que ele está inserido, a pesquisa buscou refletir sobre as possibilidades do contato das crianças, a partir da literatura, com o seu próprio meio. Nessa perspectiva e, levando em consideração os pressupostos estabelecidos pela BNCC, foi verificada a extrema importância de trabalhar com diversos gêneros em sala de aula, oferecendo ao aluno uma formação mais cidadã. Por mais complexa e diferente que possa soar “*Eu sou Macuxi*”, é possível constatar que o texto exemplifica o humano a partir de suas vicissitudes, mostrando as problemáticas da passionalidade vivida na adolescência, temas que, indubitavelmente, se encontram na realidade dos alunos.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2012.



DOI: 10.24024/23585188v16n2a2023p061069

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto: São Paulo, 2006.

DORRICO, J. **Eu sou Macuxi e outras histórias**. Nova Lima, MG: Caos & Letras, 2018.

GRAUNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

HAKIY, T. Literatura indígena: a voz da ancestralidade. *In*: Dorrigo, J.; Danner, L. F.; CORREIA, H. H. S.; DANNER, F (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018.

MUNDUKURU, D. A literatura indígena não é subalterna. **Revista Philos**, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://revistaphilos.com/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna-por-daniel-munduruku/>. Acesso em: 14 de dez. 2023.

ROCHEDO, A.. **Pachamama: a poesia é a alma de quem escreve**. Rio de Janeiro: Pachamama Ed., 2001.

SOUZA, L. M. T. M de. Uma outra história, a escrita indígena no Brasil. **Povos indígenas no Brasil**, [S.], 2019. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Uma\\_outra\\_hist%C3%B3ria,\\_a\\_escrita\\_ind%C3%ADgena\\_no\\_Brasil](https://pib.socioambiental.org/pt/Uma_outra_hist%C3%B3ria,_a_escrita_ind%C3%ADgena_no_Brasil). Acesso em: 14 de dez. 2023.